A Reencarnação sob Escrutínio

Octavio da Cunha Botelho

Agosto/2018

Quando um assunto não possui uma doutrina uniforme, consequentemente, o seu estudo torna-se mais difícil de ser empreendido. Isto é o que acontece em parte com a crença na reencarnação. Apesar dos pontos coincidentes entre as diferentes religiões que a admitem, nos detalhes muitas ideias são divergentes. Para aumentar as divergências, muitas religiões que acreditam e pregam a crença reencarnacionista, sobretudo as mais antigas, não possuem uma doutrina esquematizada e oficializada sobre o assunto, portanto, muito menos uma literatura específica, o que proporciona a liberdade para a criação de novas interpretações, às vezes dentro de uma mesma tradição. Ademais, distintas concepções regionais, transmitidas oralmente, são comuns entre os crentes no renascimento. A dinâmica aumenta quando indivíduos admirados como místicos, médiuns, canalizadores, videntes e, até mesmo, pessoas que alegam ter experimentado a recordação de vidas passadas, através da hipnose regressiva, estão constantemente divulgando experiências pessoais que trazem novas explicações para a presunção reencarnacionista o que, para os crentes no fenômeno, representam sempre novas revelações, formando assim um crescente número de entendimentos diferentes quanto à natureza, à causa, ao processo e à finalidade da reencarnação. Algumas religiões (Hinduísmo, Budismo, Jainismo, Sikhismo e Espiritismo Moderno) associam a

reencarnação (ou renascimento) à lei do carma, outras não.

Sendo assim, o estudo abrangente sobre este assunto, desde o ponto de vista religioso, só é possível através dos registros escritos, preferencialmente a partir dos textos onde estão registradas as ideias reencarnacionistas mais coincidentes entre as religiões e as seitas. A rigor, a maioria dos pesquisadores concorda, que a reencarnação é uma crença em um presumido fato que está embutida em uma outra crença ainda mais abrangente: o renascimento. Reencarnação não é exatamente o mesmo que renascimento, este último é uma concepção mais ampla. Reencarnação é mais comumente definida como a sobrevivência de uma entidade (alma, ego, mente ou personalidade) à morte de um corpo humano anterior, que assume em seguida um novo corpo ainda sem uma entidade permanente, com isso assume uma nova vida corporal. A observação "um novo corpo ainda sem uma entidade permanente (alma)" é importante, pois, do contrário, a entrada de uma alma em um corpo que já tem uma alma, não é reencarnação propriamente, segundo os crentes neste fenômeno, mas sim incorporação ou transe mediúnico. Alguns estudiosos entendem que a reencarnação se restringe ao renascer exclusivamente em um corpo humano, nunca de um corpo humano para um corpo animal ou vice-versa, por isso se diferencia da transmigração (metempsicose). Já o renascimento é próprio do Budismo, que prega a inexistência de uma alma ou de um eu permanente (sânscrito: अनात्मन्-*anātman*;

páli: अनत्ता-*anattā*; literalmente: não-eu). Reencarnação também é diferente de ressurreição.[1]

Por não acreditarem em uma alma (*ātman*) que passa de uma vida para outra, os budistas se esforçam para explicar o que carrega o carma de uma vida para a próxima vida, uma vez que não existe uma alma (ego, eu, mente ou personalidade) permanente responsável por esta tarefa, tal como na concepção de reencarnação. Os textos canônicos budistas são contraditórios sobre este assunto, o que gerou uma discussão acalorada entre os intérpretes e os críticos do Budismo (para um aprofundamento sobre a discussão, ver McClelland, 2010: 226-8). Diferente do processo de reencarnação somente entre humanos, os budistas acreditam que um indivíduo, que não alcançou a liberação (*nirvana*), poderá renascer em qualquer um dos seguintes seis reinos: no reino dos deuses (*devas*), no reino dos semideuses (*asuras*), dos humanos (*manushyas*), dos animais (*tiryak*), dos espíritos famintos (*preta*) e dos habitantes do inferno (*nāraka*). A libertação (*moksha, nirvāva*) do ciclo de nascimentos e mortes (संसार-*samsāra*), cujo mecanismo é o renascimento (पुनराजाति-*punarājāti* - lit: nascer de novo), é o objetivo da vida humana, segundo as religiões indianas.

A Difusão

---

[1] Para uma visão geral sobre as diferentes concepções de renascimento e de reencarnação, ver: McClelland, 2010: 218-32 e *passim*.

Muitos autores concordam que um dos motivos para o surgimento e para a proliferação das religiões foi a insatisfação da humanidade com a efemeridade da vida, em razão da impossibilidade de alcançar tudo o que é desejado e de corrigir os fracassos em apenas uma vida. Sendo assim, a crença na reencarnação foi, e continua sendo, uma esperança e um conforto para os inconformados com a brevidade de uma única vida. Se fosse possível para as pessoas escolherem entre a inexistência e a existência da reencarnação, certamente esta última alternativa seria quase que unanimemente escolhida como a mais preferida, apesar de muitos não acreditarem na realidade do renascimento, mesmo assim gostariam que a reencarnação existisse. Isto explica porque as religiões puderam surgir e, consequentemente, prosperar mais para atender os anseios do coração do que para responder aos questionamentos da razão, com isso, constatamos que, as religiões que mais cresceram e mais perduraram foram aquelas que melhor atenderam às angústias humanas, e a proximidade da morte e a brevidade da vida sempre foram duas fortes aflições da humanidade. Por conseguinte, a crença na reencarnação conforta esta aflição e alimenta a esperança de muitos religiosos.

Se for levado em conta o número de religiosos no mundo ao invés do número de religiões, a crença na reencarnação não parecerá uma ideia tão popular atualmente, uma vez que as duas religiões com o maior número de seguidores

hoje, isto é, o Cristianismo e o Islamismo, quase a metade da atual população mundial, não aceitam esta doutrina. Todavia, ao contrário, se for considerado o número de religiões, atuais e do passado, ao invés do número atual de seguidores, o resultado será que a crença na reencarnação foi e continua sendo uma ideia quase comum entre as religiões. Por isso, aqueles que vivem em regiões onde predominam as culturas derivadas da Bíblia (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) não são capazes de perceber a dimensão da crença reencarnacionista. Uma vez que hoje quase a metade da população mundial é cristã e mulçumana, a impressão é a de que a crença na reencarnação é uma ideia quase esquecida na atualidade. Entretanto, a realidade é bem diferente, pois exceto as religiões bíblicas, quase todas as outras, quer tradicionais ou recentes, acreditam na reencarnação ou em alguma forma de renascimento após a morte biológica do corpo, de modo que é possível dizer que, quando levada em conta a remota antiguidade e a diversidade das religiões, a reencarnação foi e ainda é uma crença muito disseminada. Parece que, de todas as religiões, em nenhuma outra ela foi mais enfatizada do que no Hinduísmo, no qual ela ultrapassou o âmbito religioso para regular até mesmo a vida civil (social, conjugal e profissional) dos membros das castas.

As religiões bíblicas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) acreditam na ressurreição dos mortos, um processo diferente da reencarnação, cujo corpo será ressuscitado em um

dado momento no futuro para ser julgado no Dia do Juízo Final. No entanto, poucos sabem, mas algumas seitas, dentro destas tradições bíblicas, acreditaram e algumas ainda acreditam na reencarnação. Por exemplo, no Judaísmo, o Hassidismo e algumas correntes cabalísticas (sobretudo a escola de *Isaac Luria*) pregam a doutrina da reencarnação. O *Zohar*, um dos mais importantes textos cabalísticos, trata da reencarnação das almas (*gilgul meshamot*). A corrente cabalística que mais enfatiza a reencarnação é a escola de *Issac Luria* (1534-72 e.c.) e as obras que tratam exclusivamente deste assunto são: o *Sefer ha-Gilgulim* (o Livro das Reencarnações) e o *Sha'ar ha-Gilgulim* (o Portão das Reencarnações), ambas compiladas por seu discípulo *Haim Vital* (1543-1620 e.c.). O termo cabalístico para reencarnação é *gilgul* (plural: *gilgulim*), que literalmente significa giro.[2] No Cristianismo, os gnósticos, os cátaros, os paulicianos e os bogomilos acreditavam na reencarnação até o extermínio destes grupos por ordem da Inquisição quase no final da Idade Média. Atualmente, a reencarnação é um tema central no Espiritismo Cristão. E no Islamismo, algumas correntes sufis, sobretudo as indianas, acreditam na reencarnação.[3] A seita xiita *Ismaili*, influenciada

---

[2] Termo que, de certa maneira, lembra a ideia de *samsāra* (ciclo de nascimentos e mortes) dos hindus, jainistas e budistas.

[3] Muitos mulçumanos consideram as seitas sufis como heresias.

por ideias gnósticas, reconhece a reencarnação, cujo termo é *tanasukh* (para uma visão geral sobre as numerosas religiões que acreditam e pregam a reencarnação, a obra mais abrangente é: McClelland, 2010).

Os Argumentos Prós e Contras

Analisar todas as justificativas a favor e todas as justificativas contrárias à reencarnação exigiria um estudo bem mais extenso do que este aqui, de modo que serão selecionadas aqui apenas as mais comuns. De todos os argumentos para justificar a necessidade da reencarnação, apresentados pelos adeptos desta crença, o mais recorrente é o de que, sem a reencarnação a vida seria uma injustiça, pois, como é bem percebido, não é possível para um indivíduo pagar por todos as imoralidades e por todos os crimes cometidos em uma única vida, bem como, não existe tempo suficiente para alguém receber todas as recompensas pelas suas boas ações na mesma vida, de modo que os efeitos teriam de ser cumpridos nas próximas encarnações, isto é, pagar pelos crimes ou ser recompensado pelas virtudes. Mediante esta visão, a crença na reencarnação somente pode ser concebida em associação com a justiça divina ou com a lei do carma. Este é o principal argumento das religiões com as doutrinas reencarnacionistas mais elaboradas.

O contra-argumento dos céticos para esta concepção é o de que se trata de uma explicação exclusivamente religiosa, uma vez que é preciso

acreditar, em primeiro lugar, na existência de deus ou da lei do carma, para, em seguida, acreditar na existência da reencarnação. Em outras palavras, este é um argumento do ponto de vista religioso, que não faz sentido desde o ponto de vista filosófico ou científico. Também, uma vez que os céticos entendem que as religiões são criações humanas, a moralidade religiosa é também uma criação humana, por isso não pode ser projetada como uma moral divina ou cármica. Ao argumentar assim, os reencarnacionistas estão atribuindo a deus ou a uma lei superior (lei do carma) uma moralidade e uma noção de justiça que a humanidade inventou e desenvolveu. Enfim, o que os reencarnacionistas estão fazendo é projetar para deus ou para a lei do carma os seus próprios anseios morais e de justiça, em razão da frustação das suas expectativas.

Outro argumento frequente, sobretudo das religiões indianas e do Espiritismo, é o de a reencarnação existe para impulsionar a evolução espiritual da humanidade, com o objetivo de alcançar níveis superiores de existência ou a libertação do ciclo de repetidos nascimentos (*samsāra*). Esta é uma concepção que entende que a vida é sofrimento, por isso a necessidade de buscar outra realidade. Estes religiosos pensam que a plena felicidade só é alcançada quando atingimos o *nirvāna* (religiões indianas) ou somos levados para mundos superiores (Espiritismo).

Os contra-argumentos são os de que, primeiro: não é exato dizer que a vida em geral é um sofrimento, pois existem indivíduos felizes, que não sentem a necessidade de buscar uma fuga da

realidade na qual vivem. Por isso a religião é, às vezes, definida pelos céticos como a cultura dos infelizes ou como o abrigo dos deprimidos, nos sentidos ideológico e institucional respectivamente. Segundo: sabemos que as religiões, desde o seu surgimento, são as maiores criadoras de significado, de sentido e de finalidade para a vida, para o mundo e, sobretudo, para a experiência humana. Para os céticos, o significado e a finalidade criados pelas religiões não estão na natureza e na vida, mas apenas na cultura religiosa, ou seja, na imaginação dos crentes. Portanto, acreditar que a finalidade da vida é se aperfeiçoar espiritualmente, a fim de alcançar a libertação, é uma ideia com base em um significado e em uma finalidade criados pela especulação religiosa, com base nos anseios de bem-estar e de felicidade dos infelizes delirantes.

Seguem abaixo mais alguns argumentos prós e contras de menor ocorrência, mas que também são interessantes.

1.Pró: A comunicação com os mortos, a recordação de vidas passadas, as experiências de consciência fora do corpo e de quase morte são exemplos de que existe algo que sobrevive após a morte.

Contra: Para todos estes casos, os cientistas alegam que existem explicações que não são sobrenaturais e que não representam um fator mediúnico ou clarividente.

2.Pró: A crença na vida após a morte pode reduzir ou mesmo eliminar o temor pela morte.

Contra: Tal crença pode, ao contrário, fazer da morte uma fatalidade ainda mais temida, se tal pessoa acredita no castigo eterno no inferno.
3.Pró: A alma deve sobreviver a fim de que a vida tenha um significado.
Contra: Existem milhares de pessoas que não acreditam em sobrevivência da alma após a morte e, mesmo assim, levam uma vida muito significativa.
4.Pró: A crença na vida após a morte aumenta a moralização da sociedade, especialmente quando inclui a crença em um deus como juiz ou na lei do carma, os quais punem pelos crimes e recompensam pelas virtudes.
Contra: Esta crença pode criar uma sociedade extremamente repressiva, a qual poderá justificar a perseguição aos hereges, às bruxas, aos homossexuais e àqueles que não se conformam com esta ideologia.
5.Pró: A crença em punições e em recompensas nas próximas vidas auxilia na tolerância com as injustiças, sobretudo com a esperança de que os criminosos serão punidos e os virtuosos serão recompensados nas próximas vidas.
Contra: A crença na punição na próxima vida incentiva mais a complacência com a criminalidade do que o esforço em combatê-la.
6.Pró: Se existe um deus todo-poderoso, qual a razão de fazer nascer uma criatura tão complexa, tal como o ser humano, para que esta viva apenas alguns dias ou somente algumas horas para em seguida falecer? Isto representa um desperdício de esforço em troco de nada.

Contra: Este argumento depende da crença de que existe um deus que cria os seres humanos, de modo que é um argumento que se baseia em uma existência duvidosa (deus), para justificar um fato também duvidoso (reencarnação).
7.Pró: Se os humanos compartilham com deus a semelhança de sua própria imagem, por que não compartilham com deus também a semelhança com a eternidade?
Contra: Esta questão depende inicialmente da solução sobre a dúvida da existência de deus, de modo que não é possível explicar uma dúvida através de outra dúvida (para conhecer uma coletânea mais numerosa de argumentos prós e contras, consultar: McClelland, 2010: 24-8, inclusive uma coleção de 61 argumentos em favor do renascimento, p. 25-8, cujo próprio autor reconhece a ingenuidade de alguns deles, p. 25).

As Explicações dos Céticos

Os supostos casos de experiência com vidas passadas são interpretados pelos psicólogos céticos como:
1.Criptomnésia: evento que estava tão oculto na memória que, quando é recordado, leva o indivíduo a crer que é uma experiência de uma vida passada.
2.*Déjà vu*: distúrbio da memória que leva o indivíduo a crer ter visto ou vivido alguma coisa ou situação de fato, até então absolutamente desconhecidas ou nova para si.

3.Sonho muito lúcido: sonho com tamanha intensidade e lucidez que leva o indivíduo a acreditar que é a visão de uma vida passada.
4.Fraude: indivíduo que simula ter experiência de vida anterior a fim de tirar vantagem pessoal.
5.Personalidade múltipla: delírios vividos por indivíduos que sofrem do transtorno de personalidade múltipla.
6.Mito pessoal na terapia de vidas passadas: paciente que cria um mito pessoal a partir da força da sugestão do hipnotizador durante a sessão de regressão hipnótica.
7.Condicionamento cultural: indivíduo que é tão influenciado pela cultura reencarnacionista que inventa a sua própria história de reencarnação.
8.Fantasia de dramatização: indivíduo tão ansioso para dramatizar que inventa uma fantasia de dramatização de um papel em uma vida anterior.
9.Memórias de tela: falsas memórias produzidas pela mente inconsciente a fim de proteger a mente consciente de recordar algum evento que é dramático ou desagradável demais para o indivíduo suportar conscientemente e
10.Mentiras honestas: os pacientes sob hipnose de vidas passadas estão mentindo inconscientemente, em função da força de sugestão do hipnotizador (McClelland, 2010: 218; para aprofundamento, ver: Baker, 1992: *passim*).

A Pesquisa de Ian Stevenson

A discussão sobre a existência ou não a reencarnação se estende por séculos. Entre os

argumentos mencionados acima, alguns são apenas teorias enquanto outros são exemplos extraídos de experiências independentes dos métodos de certeza científica. A partir do século passado, pesquisadores acadêmicos insatisfeitos com a insuficiência das provas apresentadas pelos adeptos e pelos especuladores, decidiram investigar a hipótese da reencarnação utilizando métodos científicos. Então, através de diferentes meios de ocorrência foram investigados, tais como a regressão de vidas passadas através da hipnose, a xenoglossia, a recordação de vidas passadas por médiuns e os relatos de crianças até cinco anos de idade sobre experiências de vida anterior. De todas as investigações feitas por pesquisadores e por parapsicólogos, o trabalho que chegou mais próximo do reconhecimento no meio acadêmico foi a pesquisa de Ian Stevenson (1918-2007), um psiquiatra da Universidade da Virginia, EUA, por isso recebeu mais notoriedade e é citada em quase todos os estudos e discussões sobre a tentativa de confirmar a realidade da hipótese da reencarnação através de métodos científicos. Durante a etapa de escolher qual o meio de prova mais seguro, Ian Stevenson desconfiou da regressão hipnótica, alegando que "na maioria dos casos relatados deste procedimento, a personalidade da vida anterior é uma espécie de novela histórica, muito é impossível de se verificar e provavelmente ficção, e o que é possível de se verificar é geralmente atribuído à informação extraída de leitura, do rádio, da televisão ou de outras fontes normais". Mas, mesmo assim, ele observou que "a pesquisa

sistemática com regressão hipnótica merece incentivo” (Stevenson, 2005: 224-5).

A pista mais segura para rastrear as evidências da realidade da reencarnação, Stevenson afirmou ser a seguinte: “a melhor evidência em suporte à crença na reencarnação vem dos casos de jovens crianças que, entre as idades de dois e cinco anos, fazem declarações sobre uma vida anterior que elas viveram antes de nascerem” (idem: 225). Ele alegou que casos como estes podem ser encontrados em muitas partes do mundo, sendo que, mais de 2.500 deles já foram investigados. Segundo ele, quatro traços acontecem regularmente, o que ele denominou de “traços universais”. Estes são: o relato ainda na idade tenra (2 a 5 anos) sobre a vida anterior; um esquecimento das memórias descritas ente as idades de 5 a 8 anos; uma alta incidência de morte violenta na suposta vida anterior e a menção da maneira da morte (idem: 225).

Dos tantos relatos existentes, Stevenson selecionou, investigou sistematicamente e publicou, em um primeiro momento, os resultados de apenas vinte casos em seu livro *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation* (Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação), primeira edição 1966, segunda edição alterada 1974. Neste livro, ele despendeu algumas páginas iniciais para descrever o seu cuidadoso método de coleta de dados e de entrevista com as crianças, com os familiares, com os parentes e com os amigos da família, também entrevistou as famílias de quem as crianças alegavam serem reencarnações, sempre

acompanhado de intérpretes e de auxiliares, a fim de evitar falhas e simulações (p. 04-14 e 17-9). Após ser bombardeado por críticas de que suas investigações foram feitas em países com forte influência na crença da reencarnação, por isso poderiam ser histórias inventadas pelos familiares e ensinadas às crianças, ele publicou um livro com apenas casos de reencarnação na Europa, onde não predomina a cultura reencarnacionista. Bem como, publicou outros casos pela editora da Universidade da Virginia, também em jornais, revistas acadêmicas e de parapsicologia.[4] Sua dedicada e sistemática pesquisa se tornou muito conhecida e por isso é mencionada em quase todas as obras que discutem a reencarnação desde uma perspectiva racional e científica (para conhecer uma relação das suas publicações, consultar: Stevenson: 2005: 232).

Stevenson considerou como forte prova de reencarnação os casos de crianças nascidas com cicatrizes e com marcas de nascença no mesmo local onde o falecido foi atingido na hora da morte. Por exemplo, se o falecido foi morto com um tiro no peito e a criança que alega a reencarnação nasceu com uma cicatriz de bala no mesmo local, para Stevenson, então, esta era a prova mais concreta de que se tratava de um evento de reencarnação. Ele consultou as autópsias de todos os falecidos e confirmou a veracidade (Idem: 226). Em

---

[4] Ele também contra argumentou sobre a influência da cultura nos resultados das pesquisas e sobre outras acusações em um dos seus últimos artigos: Stevenson, 2005: 227-9.

contrapartida, aqueles que desconfiam da pesquisa de Stevenson suspeitam de que estas cicatrizes ou marcas de nascença são feitas pelos próprios pais, logo após o nascimento da criança, portanto enquanto ela ainda é incapaz de compreender a falsificação, a fim de prepararem o cenário para a futura história de reencarnação do filho ou da filha.

As Contestações

Apesar da descrição minuciosa de seus métodos de pesquisa, Ian Stevenson foi alvo de críticas desde as suas primeiras publicações. A situação se agravou a partir das revelações de um de seus ex-assistentes, Champe Ransom, cujas acusações colocaram em dúvida o rigor da metodologia de Stevenson. Ransom revelou que:

1.Stevenson costumava fazer “perguntas seletivas” aos investigados de tal maneira que tediam a obter respostas que ele desejava.

2.Os períodos de questionamentos eram curtos demais para que fosse possível uma investigação completa.

3.Havia tempo demais decorrido entre as ocorrências da reencarnação de vidas passadas e a investigação delas.

4.A capacidade imaginativa das crianças não era bem explorada.

5.Havia uma tendência por parte de Stevenson de inconscientemente “preencher” uma história investigada, a fim de torna-la mais completa.

6.Havia confiança demais em testemunha potencialmente tendenciosas.

7.Havia o fato de que, 90% dos casos pesquisados, as famílias das crianças, que recordavam as reencarnações, já tinham se encontrado com as famílias dos falecidos antes do início da pesquisa de Stevenson, o que levanta a suspeita de que os relatos já estavam previamente combinados e afinados entre as famílias, daí então a razão das respostas coincidentes (McClelland, 2010: 262).

Entretanto, é preciso esclarecer que Ian Stevenson nunca afirmou abertamente que suas pesquisas provavam a existência da reencarnação, mas que eram apenas “casos sugestivos de reencarnação”, tal como os termos utilizados por ele em algumas de suas publicações. Enquanto que, por outro lado, os críticos mais severos do seu trabalho alegam que os seus resultados não chegam sequer ao preliminar grau de sugestão, em razão do precário nível de cientificidade. Ademais, para outros críticos, o trabalho de investigação da reencarnação até agora realizado é pseudociência, por isso incluído na enciclopédia *The Skeptic Encyclopedia of Pseudoscience*, editada por Michael Shermer (Molé, 2002: vol. 1, 203-8), e no livro *Pseudoscience and the Paranormal*, de autoria de Terence Hines, p. 116-20.

Ian Wilson também desconfiou de algumas pesquisas de Stevenson, alegando que, em muitos casos, as crianças que alegavam ser reencarnações eram de famílias pobres, enquanto que as dos falecidos que reencarnavam nestas crianças pobres eram de famílias ricas. Ele então justificou que “em países repletos de tantos pobres não é difícil adivinhar o motivo. Assim, na Índia ou

em Sri Lanka, uma família pobre tem muito a ganhar e pouco a perder se representar seu filho como a reencarnação de um membro recentemente falecido de uma família rica. Se a família rica for persuadida a acreditar na alegação, será improvável que deixará seu desafortunado falecido continuar a sofrer em sua nova encarnação. Os pais (da família rica) tentarão fazer algo para melhorar a sorte da criança e de toda a família pobre" (Wilson, 1989: 33-4 e Kelly, 2004: 90-1). Em outras palavras, um astuto truque para arrancar dinheiro de uma família rica, em países orientais, onde a crença na reencarnação é um condicionamento cultural.

Wilson também suspeitou da seguinte história reencarnacionista aceita e descrita por Stevenson (1974: 91-105). Trata-se da reencarnação de um garoto de seis anos de idade, *Ashok Kumar*, mais conhecido como *Munna*, assassinado com um corte de faca na garganta, em 19 de janeiro de 1951, em um distrito da cidade de *Kanauj,* estado de *Uttar Pradesh*, Índia, que reencarnou, apenas seis meses após a morte, no corpo do menino *Ravi Shankar*. Ambas famílias residiam apenas meia milha de distância uma da outra. *Ravi Shankar* alegou ser reencarnação de *Munna*, falou de seus brinquedos, descreveu em detalhes o evento do assassinato por dois homens, etc. Quando o pai do falecido *Munna*, *Sri Jageshwar Prasad* (barbeiro de profissão), encontrou *Ravi Shankar*, confirmou que tudo que ele disse correspondia ao seu filho, portanto acreditou na reencarnação do seu filho em *Ravi*

Shankar. Dois suspeitos do assassinato, J*awahar* e *Chaturi*, foram presos, mas libertados em seguida por falta de provas. Entretanto, Ian Wilson observou que "nada menos que três vizinhos da família (de *Ravi Shankar*) testemunharam que a criança tinha sido levada pelo pai para ser treinada pelo barbeiro *Jageshwar Prasad*, antes de fazer as alegações de reencarnação, contrariando as alegações do pai de *Ravi Shankar* de que ele (*Ravi Shankar*) e *Jageshwar Prasad* nunca tinham se encontrado antes" (...) "Em virtude do ardente desejo de *Jageshwar Prasad* de trazer os assassinos de seu filho à justiça novamente, é fácil demais ver a história de *Ravi Shankar* como uma manobra entre *Jageshwar Prasad* e o pai de *Ravi Shankar* para conseguir que os suspeitos, *Jawahar* e *Chaturi*, fossem presos novamente. A marca de nascença, que Stevenson descreve como muito semelhante a uma ferida cicatrizada, pode muito bem ter sido criada propositadamente como uma prova adicional" (Wilson: 1989: 34-5; ver também, Stevenson: 1974: 104 e Kelly: 2004: 91).

Outro caso suspeito foi o de um garoto pobre, *Sunil Dutt Saxena*, que alegou ser a reencarnação do rico *Seth Sri Krishna*. Ian Wilson observou que "a família de *Seth Sri Krishna* não ficou convencida, mas Stevenson se convenceu da autenticidade deste caso de reencarnação. Apesar de ter sido informado pelo médico de que *Sunil* tinha sido treinado por um tal *Sheveti Prasad*, para fingir que era *Seth Sri Krishna* reencarnado. Stevenson preferiu considerar o médico como suspeito, concluindo, contra todas as

possibilidades, que o caso era genuíno...” (Wilson, 1989: 34; ver também Kelly: 2004: 91).

Aqueles que residem ou já residiram na Índia sabem que relatos de reencarnação existem aos milhares por lá, quase todas as famílias têm um caso para te contar. Os relatos são tão populares que são transformados em filmes de cinema. O mais conhecido internacionalmente é *Manika: Une Vie Plus Tard* (1989),[5] roteiro e direção do francês François Villiers, sobre o caso de *Shanti Devi*, uma adolescente pobre de 10 anos (*Manika*, interpretada por *Ayesha Dharker*), residente em uma aldeia de pescadores no sul da Índia, que dizia ter visões de sua vida anterior como uma rica mulher no Nepal. Ajudada pelo seu professor, o padre Daniel (Julian Sands), o único que acreditava em seus relatos, ela foge de casa rumo ao Nepal, uma viagem de cerca de três mil quilômetros. O filme ganhou o *Prix du Public* em Cannes. Este caso é mencionado nas publicações de Ian Stevenson (1974: 17; ver também: A.S.P.R, vol. 54, April, 1960, p. 51-71).

A fraqueza na pesquisa de Ian Stevenson foi a sua excessiva confiança na prova através de cicatrizes, de marcas e defeitos de nascença, cujas sinais são facilmente falsificáveis, o que viabiliza o sucesso das fraudes. Ele analisou dezenas destes casos em seu livro *Where Reincarnation and Biology Intersect* (Onde Reencarnação e Biologia se Interligam - 1997). Pois, acreditar que alguém

---

[5] Lançado em vídeo no Brasil com o título: *Manika: a Reencarnação de uma Adolescente*.

que morreu vítima de um ferimento irá renascer com a cicatriz daquele ferimento no corpo da pessoa na próxima vida, pode ser muita ingenuidade. Se a reencarnação realmente existir, será então que alguém irá renascer também com todos os furos de brincos e de *piercings*, com todas as verrugas, furúnculos, calos, pintas, manchas, sarnas, necroses, tatuagens e arranhões do corpo da vida anterior? E por que apenas o ferimento da última vida? Se nas muitas vidas anteriores, foi vítima de muitos ferimentos que causaram a morte, então renascerá com a soma de todos os ferimentos das vidas anteriores? Se for como Stevenson pensa, será que alguém que morreu executado com dezenas de tiros, tal como a execuções de gangues rivais, então irá renascer com dezenas de cicatrizes de ferimentos de balas pelo corpo? E o que é ainda mais absurdo e até cômico, alguém que morreu vítima de um violento acidente automobilístico, cuja violência do impacto arrancou a sua cabeça, então irá renascer na próxima vida com o corpo separado da cabeça? Enfim, Ian Stevenson investigou minuciosamente muitos casos de reencarnação, seu esforço foi louvável, porém se descuidou da investigação sobre a astúcia dos fraudadores.

A Hipótese Minimalista da Reencarnação

Desde a fundação da *Society for Psychical Research* (Sociedade para a Pesquisa Psíquica), em 1882, a primeira organização a conduzir pesquisa acadêmica sobre experiências humanas

que desafiam os modelos científicos contemporâneos, a reencarnação, juntamente com outros hipotéticos fenômenos, tem sido investigada como uma hipótese e, em virtude da dificuldade em confirmar a sua realidade, continua, mesmo depois de mais de 130 anos, ainda como uma hipótese até hoje. Entretanto, com um detalhe, as hipóteses não são mais as mesmas desde o início das investigações científicas. Com o desenvolvimento das pesquisas, as crenças que acompanhavam as hipóteses foram gradativamente sendo derrubadas, em razão da falta de confirmação, algo como um gradual esvaziamento de teorias, até o ponto de que hoje temos uma Hipótese Minimalista da Reencarnação, ou seja, um resto da hipótese reencarnacionista. Esta hipótese remanescente é defendida pelo filósofo Robert Almeder em seu ensaio *A Critique of Arguments Offered Against Reincarnation* (Uma Crítica dos Argumentos Oferecidos Contra a Reencarnação, 1997), publicado com a intenção de criticar os argumentos contra a reencarnação apresentados por Paul Edwards, um dos mais severos críticos da reencarnação na atualidade, em seu livro *Reincarnation: A Critical Examination* (Reencarnação: Um Exame Crítico, 1996). As debochadas críticas de Paul Edwards incomodaram Robert Almeder que, além de rebater os argumentos de Edwards, propôs uma hipótese minimalista para a reencarnação.

A sua hipótese é a de que “existe algo essencial a algumas personalidades humanas, que não pode ser plausivelmente traduzida em termos

de estados cerebrais, ou de propriedades dos estados cerebrais, ou de propriedades biológicas causadas pelo cérebro e, também, após a morte biológica, este traço essencial não redutível, algumas vezes persiste por algum tempo, de alguma maneira, em algum lugar e, por alguma razão ou outra, existe independentemente do antigo cérebro e do antigo corpo da pessoa. Ainda mais, após algum tempo, alguns destes traços essenciais da personalidade humana, por alguma razão ou outra, e através de um mecanismo ou outro, vem a residir nos outros corpos humanos, quer algum tempo durante o período de gestação, no nascimento ou logo após o nascimento" (Almeder, 1997: 502). Esta hipótese é tão mínima que a torna vaga, imprecisa e indefinida, ao ponto de servir também para uma "hipótese mínima de incorporação", que é algo diferente de reencarnação, bem como, mistura noções budistas de renascimento, noções de reencarnação, de transmigração, de possessão, de ressurreição e, em alguns sentidos, até de canalização. A vagueza e a imprecisão podem ser observadas nas frases: "algo essencial" (o quê especificadamente?), algumas personalidades humanas" (por que não todas?), "por algum tempo" (quando?), "de alguma maneira" (qual?), "em algum lugar" (onde?), "por alguma razão ou outra" (qual razão?), "após algum tempo" (quando?), "alguns destes traços essenciais" (quais?), "através de um mecanismo ou outro" (qual mecanismo?) e "quer algum tempo" (quando?).

Esta hipótese de R. Almeder é tão vaga que nos faz lembrar a linguagem da técnica de leitura fria, muito utilizada pelos adivinhos, pelos médiuns, pelos videntes, pelos canalizadores, pelos místicos e pelos astrólogos, os quais empregam uma linguagem vaga, imprecisa e genérica, através de significados incompletos, algo como apenas insinuação, para que a imaginação do ouvinte ou do leitor complete o significado da maneira que ele (ouvinte ou leitor) deseja entender. E quando argumenta cientificamente, ele sustenta as controvertidas pesquisas de Ian Stevenson. Também, critica Paul Edwards e outros autores por utilizarem apenas os “casos mais fracos” para criticar a reencarnação, omitindo os “casos mais fortes” (Almeder, 1997: *passim*). Ora, se existem então “casos mais fortes” de reencarnação, e se eles podem ser cientificamente confirmados, porque eles não estão publicados nas principais revistas científicas, tais como a *Nature*, a *Science* e a *Scientific American*, ou nos livros das editoras das melhores universidades? A resposta é que a ideia de reencarnação não tem reconhecimento científico e acadêmico até hoje, mesmo depois de 130 anos de pesquisas, apenas sobrevivem uns poucos laboratórios moribundos de parapsicologia em algumas universidades, onde são feitas pesquisas também sobre reencarnação, enquanto que outros foram fechando com o tempo por falta de resultados satisfatórios, o último fechamento notório foi o do *Princeton Engineering Anomalies Research Laboratory* (PEAR), em 2007, após 28 anos de pesquisas na Universidade de Princeton, EUA.

Bem como, ainda sobrevivem algumas revistas e alguns jornais, também de parapsicologia, subsidiados pela iniciativa privada por aqueles que se interessam pelo assunto, tal como o *Journal of Scientific Exploration*, no qual Robert Almeder publicou o seu ensaio.

Realidade versus “Aparência de Realidade”

Somos incapazes de calcular quantas vezes já fomos surpreendidos com a antiga e conhecida ideia: “parece, mas não é”. Por séculos, a humanidade acreditou que o sol girava em torno da Terra, esta foi a teoria geocêntrica. O fato do sol aparecer no leste, se movimentar para o topo do céu no meio dia, depois se pôr no oeste para após a noite reaparecer no leste no dia seguinte, deixa a aparência de que o sol gira em torno de uma Terra imóvel. Esta concepção era tão consolidada no passado que uma arte de adivinhação foi criada com base na ideia geocêntrica: a Astrologia. Para esta cultura, todos os corpos celestes giram em torno da Terra. Até que os primeiros observadores começaram a questionar esta ideia com base em um escrutínio (investigação mais minuciosa) do fenômeno, daí surgiu a teoria da rotação da Terra em torno do seu eixo e também em torno do sol (heliocentrismo), a partir de pistas que pareciam invisíveis à observação rotineira, depois confirmada pelas observações astronômicas.

O escrutínio é o ponto de partida da investigação científica e policial, ou seja, investigar aquilo que está por trás da observação descuidada,

ou seja, da aparência. A palavra “escrutínio” (lat: *scrūtinĭum*) deriva do verbo latino “*scrūtor*”, que significa “procurar com cuidado”, “examinar cuidadosamente”, “explorar”, portanto, entre outros casos, é o ato de investigar uma coisa ou um fato com a atenção dirigida para o que está por trás da aparência. Por isso a Ciência sempre foi uma atividade para poucos, enquanto a religião sempre foi para muitos, pois os religiosos se contentam apenas com a “aparência de realidade” na elaboração das suas doutrinas. A “aparência de realidade” é muito mais fácil de ser aceita, pois é apenas assimilada, enquanto o escrutínio da realidade por trás da “aparência de realidade” exige esforço intelectual de investigação, de modo que, a realidade não é assimilada, ela é descoberta.

Agora, a investigação cuidadosa da natureza não deve ser executada da mesma maneira que a investigação minuciosa dos atos humanos. Pois, a natureza é determinista, ela não tem arbítrio e intenção, já o comportamento humano pode ser ambos, fatalista e intencional. Portanto, quando investigamos os atos humanos, devemos levar em conta sempre que o ato intencional pode ser de boa ou má fé, ou seja, o caráter moral não deve ser subestimado ou ignorado. Por isso é que todas as investigações policiais no mundo trabalham conjuntamente com um departamento de detetives e um departamento de perícia técnica, um auxilia e complementa o outro, isto é, um precisa do outro. Muitas vezes as fraudes ou as falsificações são tão perfeitas que o detetive precisa de uma perícia técnica para

descobrir a fraude, enquanto que, da mesma maneira, o delegado precisa da investigação do detetive para descobrir a má fé por trás das fraudes.

A subestimação da astúcia dos fraudadores nos casos de reencarnação foi o grande defeito da pesquisa de Ian Stevenson. Ele se concentrou muito no lado técnico e científico da investigação e se descuidou do lado moral, ele investigou os casos como estivesse investigando a natureza, utilizando-se de metodologias das ciências naturais, e não como estivesse investigando o homem e seu caráter. Então, por subestimar a capacidade das famílias de fraudarem e enfatizar apenas um lado da questão, o que ele descobriu não foi exatamente que existem “casos possíveis de reencarnação”, mas sim, a rigor, que existem fraudes que são mais bem planejadas e mais bem executadas, e outras que são mal preparadas e mal executadas, daí que as enganações podem ser ou não ser descobertas. De modo que, o resultado da sua pesquisa foi apenas o de que existem casos com mais “aparência de realidade” e outros com menos “aparência de realidade”. Ou seja, em alguns casos a armação é tão bem planejada, tão bem combinada e executada, as crianças são tão bem treinadas e as marcas de nascença tão bem falsificadas que quase todos são levados a pensar que se trata de uma realidade, sendo que, na verdade, estes casos são apenas “aparências de realidade” com tão alto grau de ardil que são acreditados como realidade. A crença nestas enganações bem executadas é facilitada sobremaneira pelo condicionamento cultural. Que

os casos de reencarnação na Índia são fraudes, já são muito conhecidos dos policiais e dos juristas indianos, por isso a justiça indiana não aceita exemplos de reencarnação como prova material ou como prova testemunhal nos tribunais. O mesmo acontece no Brasil, o país com a maior população de espíritas no mundo, que são fervorosos crentes na reencarnação, a legislação processual brasileira não aceita casos de reencarnação ou de paranormalidade como provas jurídicas. Em suma, para concluir, Ian Stevenson pode ter sido um bom cientista, porém um ingênuo detetive.

Referências

ALMEDER, Robert. *A Critique of Arguments Offered Against Reincarnation* in *Journal of Scientific Exploration,* vol. 11, no. 04, 1997, p. 499-525.

BAKER, Robert A. *Hidden Memories: Voices and Visions from Within*. Buffalo: Prometheus Books, 1992.

BESANT, Annie W. *Reincarnation*. London: The Theosophical Publishing Society, 1910.

BOARD OF TRUSTEES. *Sanātana Dharma: An Advanced Text Book of Hindu Religion and Ethics.* Benares: Central Hindu College, 1904, p. 88-107.

BROWNE, Sylvia. *Past Lives, Future Healing: A Psychic Reveals the Secret of Good Health and Great Relantionship*. New York: New American Library, 2002.

BURLEY, Mikel. *Believing in Reincarnation* in *Philosophy*, no. 87, Cambridge Journals, The Royal Institute of Philosophy, 2012.

EDWARDS, Paul. *Reincarnation: A Critical Examination*. Amherst: Prometheus Books, 1996.

HINES, Terence. *Pseudoscience and the Paranormal*. Amherst: Prometheus Books, 2003, Electronic Edition, p. 116-20.

HUMPHEYS, Christmas. *Karma and Rebirth*. Richmond: Curzon Press, 2005.

JINARAJADASA, C. *First Principles of Theosophy*. Madras: The Theosophical Publishing House, 1938, p. 60-89 and *passim*.

KARDEC, Allan. *Le Livre des Esprits*. Paris: Didier et C., Libraires-Éditeurs, 1864.

_____________ *L'Èvangile Selon le Spiritisme*. Paris: Les Éditeurs du Livre des Esprits, 1866.

KELLY, Lynne. *The Skeptic's Guide to the Paranormal*. Crows Nest: Allen & Unwin, 2004, p. 83-101.

MCCLELLAND, Norman C. *Encyclopedia of Reincarnation and Karma*. Jefferson: McFarland & Company, Inc. Publishers, 2010.

MOLÉ, Phil. *Reincarnation* in *The Skeptic Encyclopedia of Pseudoscience*, Michael Shermer (ed.). Santa Barbara: Praeger, 2002, vol. I, p. 204-8.

OBEYESEKERE, Gananath. *Imagining Karma: Ethical Transformation in Amerindian, Buddhist and Greek Rebirth.* Berkeley: University of California Press, 2002.

O'FLAHERTY, Wendy Deniger (ed.). *Karma and Rebirth in Classical Indian Traditions*. Berkeley: University of California Press, 1980.

ROGO, D. Scott. *The Search for Yesterday: A Critical Examination of the Evidence for Reincarnation.* Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1985.

SCHWARTZ, Gary E. and William L. Simon. *Afterlife Experiments: Breakthrough Scientific Evidence of Life After Death.* New York: Pocket Books, 2002.

STEVENSON, Ian. *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*. Charlotttesville: University Press of Virginia, 1974.

_______________ *Where Reincarnation and Biology Intersect*. Westport: Praeger Publishers, 1997.

_______________ *Reincarnation in Parapsychology: Research on Exceptional Experience.* Henry Jane (ed.). London: Routledge, 2005, p. 224-32.

WALKER, Edward D. *Reincarnation: a Study of Forgotten Truth*. New York: John W. Lovell, Company, 1888.

WILSON, Ian. *After Death Experience: The Physics of the Non-Physical*. New York: William Marrow and Company, Inc, 1989.